

**SZONDI, Peter. Ensaio sobre o trágico. Trad. Pedro Sússekind
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.**SILVEIRA, José Renato Ferraz¹

A inovadora e pioneira obra *Ensaio sobre o trágico*, do húngaro Peter Szondi (1929-1971), é um marco teórico essencial para a compreensão da filosofia, teatro e literatura de modo geral. O autor traça a distinção entre a poética da tragédia e a filosofia do trágico.

Bem estruturada (duas partes), com clareza lapidar e riqueza de aspectos que clarificam o histórico da estética antiga² e moderna, Szondi sofisticava ao discutir o conceito do trágico.

O autor parte da clássica obra aristotélica – Poética – que inaugura uma longa tradição da poética dos gêneros (épico, lírico e dramático) “aos filósofos idealistas, sobretudo Hegel, considerado o ‘ponto mais alto do pensamento histórico e dialético’” (SÜSSEKIND apud SZONDI, 2004, p. 10-11).

O livro dividido em duas partes inicia com a problematização do próprio conceito de trágico e há comentários em textos filosóficos e estéticos sobre doze filósofos e poetas (Schelling, Hördelin, Hegel, Solger, Goethe, Schopenhauer, Vischer, Kierkegaard, Hebbel, Nietzsche, Simmel, Scheler). Desse modo o autor procura elucidar o conceito geral do trágico a partir do pensamento desses filósofos.

¹ José Renato Ferraz da Silveira é coordenador e professor do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. jreferraz@hotmail.com

² Estética antiga refere-se ao campo filosófico em que a lógica e a ética estão presentes, no qual o belo, o bom e o verdadeiro formavam uma unidade com a obra. Platão se esforçou para desvendar a fonte original de todas as belezas sensíveis, reflexo do inteligível na matéria. Aristóteles dará um passo importante para a ruptura do belo associado à ideia da perfeição, trará o belo para a esfera humana, ou seja, a criação artística não separada do homem.

Além disso, os comentários precisam tornar evidentes as diversas concepções do trágico com referência a um fator estrutural mais ou menos oculto, que é comum a todas elas, e que só passa a fazer sentido se as definições dos diversos pensadores forem lidas tendo em vista não a sua filosofia, mas a possibilidade de analisar tragédias com o auxílio delas – portanto na esperança de estabelecer um conceito universal de trágico (SZONDI, 2004, p. 25).

Ao mergulhar nas importantes contribuições teóricas e específicas dos doze autores, Szondi concebe diferentes entendimentos ao conceito do trágico, aproximando/ distanciando um autor do outro. Encontramos uma acurada análise de Szondi ao utilizarmos de termos/vocábulo recorrentes ao campo da Filosofia, tais como: liberdade, necessidade, paradoxo, ideia, existência, sofrimento, acaso, vontade, angústia, catarse e humor.

Trata-se de teorias filosóficas, portanto de textos conceituais abstratos, que tematizam conteúdos gerais (...) o método de Szondi é justamente o de escrever a partir de seus temas, colado a eles. Por isso os comentários são concisos e gerais, apenas para esclarecer o contexto e indicar a estrutura dialética, sem a pretensão de uma reflexão filosófica extensa sobre cada autor. Como Szondi anuncia na introdução, eles “não podem se aprofundar criticamente nos sistemas que as determinações do trágico foram retiradas”, como faria uma tese monográfica. Nesse caso, os comentários “têm que se contentar em perguntar pelo valor que o trágico assume na respectiva estrutura de pensamento, e assim reparar parcialmente a injustiça que esse pensamento sofreu quando dele se extraiu o texto citado (SÜSSEKIND APUD SZONDI, 2004, p. 13).

A segunda parte analisa oito tragédias impactantes e devastadoras da poesia trágica – Édipo Rei, A vida é sonho, Otelo, Leo Armanius, Fedra, Demétrio, A família Schroffenstein e A morte de Danton. De forma elegante, Szondi faz análises concretas e detalhadas, “baseadas na especificidade de personagens e enredos das tragédias” (SÜSSEKIND apud SZONDI, 2004, p. 13). Destaca-se a análise de duas tragédias – Édipo Rei e Otelo.

Em Édipo Rei chama atenção o papel crucial dos oráculos que preveem o destino fatal de Laio e Édipo. A presença da(o) incerteza/imponderável realça a qualidade analítica dada por Szondi à peça. As escolhas “conscientes” dos personagens levam à ruína dos mesmos. A inconsequência e o aniquilamento são pontos fundamentais nessa tragédia.

Em *Otelo*, Szondi desenvolve um texto em que a personalidade insegura de Otelo e a “força” – ironia de Iago – conduzem ao final trágico dos protagonistas da peça shakespeariana.

Por fim, como afirma Ian Balfour: o livro é um instrumento de enorme clareza sobre assuntos complexos. Szondi é um verdadeiro intérprete teórico da literatura comparada. Faz isso com maestria. Por isso, o livro é precioso ao reunir num espaço pequeno, diferentes e portentosas contribuições teóricas ao entendimento do trágico.